

Artículo recibido el 11 de julio de 2020; Aceptado para publicación el 28 de julio de 2020

Educação escolar indígena em rota de convergência: *lives*, processos e futuro.

Indigenous school education in a convergence path: “lives”, processes and future

Naine Terena de Jesus¹
Téo de Miranda²

Resumo

A educação escolar no Brasil, durante o período da pandemia COVID 19, tornou-se objeto de debate entre gestores e a sociedade em geral. Nesse contexto, nos interessa pensar como a educação escolar indígena está se movimentando, visto que pouco se fala sobre a rotina escolar nas aldeias. Dessa forma, este artigo busca analisar o funcionamento das escolas indígenas no período de pandemia, a partir da perspectiva do uso das novas tecnologias de comunicação para difusão de narrativas oriundas dos educadores indígenas, ilustrando a flexibilidade dos professores em manter diferentes interações em tempos pandemia da COVID 19. Para o estudo, acompanhamos algumas transmissões ao vivo realizadas na rede social facebook e escolhemos a live 'Educação Escolar Indígena em tempos de Covid-19', realizada na página Tekoha Marane'y - da Missão Evangélica Caiuá - Mato Grosso do sul, no dia 29 de junho de 2020 para a análise das narrativas construídas pelos educadores indígenas. Como aporte teórico, para a abordagem das narrativas, trazemos Jean Caune, Henry Jenkins, para a abordagem acerca da cultura da convergência e a Constituição da República Federativa do Brasil, para a apreensão dos efeitos legais acerca da educação escolar indígena.

Palavras-chaves: educação; cultura, Escola indígena, professor indígena

Abstract

During the pandemic period COVID 19, school education in Brazil became the subject of debate between public servers and broad society. In this context, we are interested in thinking about how indigenous school education is moving, since little is said about school routine in indigenous villages.

Thus, this article seeks to analyze the performance of indigenous schools in the pandemic period, from the perspective of using new communication technologies when disseminating narratives from indigenous educators, illustrating teachers' flexibility to maintain different interactions in pandemic times due to COVID 19. For the study, we followed some live broadcasts carried out on the a social network and chose the live 'Indigenous School Education in Covid-19 times ', held on the page Tekoha Marane'y - of the Evangelical Mission Caiuá - Mato Grosso do sul, for the analysis of narratives made by indigenous educators. As a theoretical contribution to the approach to narratives, we use Jean Caune. Henry Jenkins gave us foundations to the approach about the culture of convergence, and finally, the Constitution of the Federative Republic of Brazil was useful to apprehend the legal effects on indigenous school education.

keywords: Education, culture, Indigenous school, indigenous teacher

¹ Graduada em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo, UFMT (2002). Mestre em arte Contemporânea - UNB -linha de pesquisa Poéticas Contemporâneas (2007). Doutora em Educação pela PUC/SP (2014). Docente da Faculdade Católica de Mato Grosso. E-mail: naineterena@hotmail.com

² Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo UFMT (2011). Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO – UFMT, linha de pesquisa Poéticas Contemporâneas (2015). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO – UFMT, linha de pesquisa Comunicação e Mediações Culturais. Bolsista CAPES. Cuiabá – MT, Brasil. E-mail: teodemiranda@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Pandemia Covid-19 alterou significativamente o modo de vida da população brasileira como um todo. Desde o período em que os casos surgiram em maior número (mês de março de 2020), pensou-se em ações que evitassem a propagação do vírus no Brasil e medidas tomadas nas cidades, também, foram utilizadas dentro das aldeias.

Dentre as medidas, a interrupção de aulas presenciais foi uma das maneiras de proteção adotadas por estados e municípios, e conseqüentemente por escolas em áreas indígenas que suspenderam atividades *in loco* e começaram a articular atividades remotas, através da distribuição de atividades impressas e online como será descrito adiante.

Neste cenário, comunidades indígenas se organizam para pensar a educação escolar no contexto e na pós-pandemia, refletindo sobre processos comunicacionais e culturais que envolvem este tema. Assim como em diversas localidades do meio urbano, as aldeias indígenas também necessitam do aporte tecnológico para uma aula remota, além de outros artifícios para mobilização de conteúdos e alcance de seus alunos.

Diante deste panorama, o artigo busca problematizar os papéis desempenhados pela 'comunicação e pela cultura na construção da realidade social e do mundo da vida', conforme frisa Jean Caune (2014, p. 02), tendo como recorte, uma *live* realizada por professores indígenas, através da página Tekoha Marane'y - da Missão Evangélica Caiuá, que atua no estado de Mato Grosso do Sul, entre indígenas Guarani Kaiowa e Terena.

Para Caune (2014), as técnicas de informação e de comunicação afetam os processos de difusão dos saberes, o que comunga com o atual momento e as diversas mídias utilizadas pelos professores nas escolas indígenas citadas neste artigo. Nesse sentido, cabe salientar que o artigo não pretende abordar as especificidades da educação escolar entre os indígenas, mas ilustrar através deste caso, a flexibilidade dos professores indígenas em manter diferentes interações, seja numa movimentação externa (nas redes sociais), quanto na movimentação interna (nas aldeias), e as habilidades de se adequar às técnicas de informação e comunicação disponíveis em seus territórios para a realização de sua tarefa de ensinar.

Adotamos, como referencial para a construção do artigo, a conceituação de convergência proposta por Jenkins (2012), ao compreender que ela não ocorre somente por meio dos aparelhos, mas sim dentro dos cérebros e interações sociais com o que ele chama de consumidores individuais. Escreve o autor:

Convergência: palavra que define mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais no modo como as mídias circulam em nossa cultura. Algumas das ideias comuns expressas por este termo incluem o fluxo de conteúdos através de várias plataformas de mídia, a cooperação entre as múltiplas indústrias midiáticas (...) (Jenkins ,2012, p. 377:)

Sobre a transmissão online, destaca-se que a mesma foi realizada na página da rede social Tekoha Marane'y - da Missão Evangélica Caiuá, um projeto cujo enfoque é promover ações multidisciplinar e interinstitucional com o objetivo de desenvolver um programa educacional curricular específico em Educação Antidrogas junto às escolas indígenas da região de Dourados - MS. Durante o período de março à junho de 2020 realizou *lives* destinadas a debater a educação escolar indígena em tempos de pandemia, além de abordar outras temáticas em outras conversas virtuais.

Deste modo, para constituição deste artigo escolhemos uma *live* que foi realizada no dia 29 de junho de 2020, com o tema '*Educação Escolar Indígena em tempos de Covid-19*', com a presença dos professores indígenas Valdenir de Souza e Voninho Benites Pedro³.

Valdenir de Souza é Guarani e professor da escola municipal indígena Francisco Meireles e da escola estadual indígena Guateka Marçal de Souza, ambas em Dourados, Mato Grosso do Sul. Atuou na formação de professores no ensino médio e superior, é mestre educação e professor. O Professor Voninho Benites Pedro, leciona na Escola Municipal Indígena Ñandejara polo, localizada na Reserva Indígena Te'yikue, município de Caarapó, Mato Grosso do Sul. É membro da Grande assembleia Guarani Kaiowa, um movimento político /cultural organizado por este povo em Mato Grosso do Sul. A *live* foi mediada pela professora Mestre Teodora de Souza da Etnia Terena.

A escolha desta *live* se deu, pelo fato de que a mesma foi realizada recentemente, já trazendo um conteúdo mais robusto acerca das medidas pedagógicas tomadas pelas escolas

³Disponível em: <https://www.facebook.com/tekohamaraney/videos/1720810501408731>.

citadas pelos educadores, assim como a presença do professor Valdenir de Souza, que atua na disciplina matemática e sua contribuição para a abordagem de tal disciplina.

Além do mais, percebemos que as narrativas apresentadas pelos professores durante a *live*, nos demonstram a complexidade do processo de ensino aprendizagem em contexto indígena, mas também, as relações comunicacionais estabelecidas em um cenário de convergência e como as soluções e a própria constituição da escola e dos educadores, carregam elementos que auxiliam no desdobramento das atividades propostas.

2. DAS LIVES E PROCESSOS: O PROFESSOR INDÍGENA NO CENTRO DOS DEBATES

As *lives* ou transmissões ao vivo, ganharam destaque nos últimos anos, porém nesse período de isolamento social, aumentaram significativamente no cenário nacional. A sua realização perpassa por diferentes redes sociais e públicos. Diariamente pode-se acessar conteúdos através destas transmissões, que passaram a fazer parte do cotidiano de milhares de pessoas no Brasil.

Ao observar a quantia de *lives* realizadas por indígenas nas redes sociais, problematiza-se a intenção de tais transmissões, e para quem são dirigidas. Para Aguiar (2012), não existe rede social sem pessoas, e para que ela exista é necessário que se tenham laços de interações. Para o autor, as pessoas estão distribuídas num mundo sem fronteiras geográficas, mas que são delimitadas por interesses. Barros, Carmo e Silva (2012) escrevem que as redes não são somente fontes de relacionamento e informação, mas são também, espaços de mobilização e mudanças sociais, já que potencializam a comunicação e dão força ao mundo real.

Na *live* realizada no dia 29 de junho de 2020, cujo tema era a Educação escolar indígena em tempos de pandemia, professores indígenas, apresentaram algumas das iniciativas que estão sendo tomadas para a continuidade do calendário escolar.

Ao compartilhar informações nas *lives*, os professores proporcionam a oportunidade de construção de conhecimento digital, que para Benício e Silva (2005), tem papel transformador na sociedade moderna, contribuindo para o rompimento de barreiras geográficas e possibilitando a circulação de informações. Para Caune (2014), as técnicas de comunicação sempre contribuíram para a construção do espaço público, para orientação das

relações sociais e para a participação na elaboração dos conteúdos do pensamento. Este autor explica que as mudanças das formas de comunicação sempre tiveram um papel essencial no desenvolvimento dos processos cognitivos no aumento do saber e das capacidades humanas de armazená-lo, enriquecê-lo e difundi-lo.

Ao acompanhar as informações repassadas durante a *live*, observa-se que as narrativas dos dois professores seguem para esta confluência de informações. Ao mesmo tempo em que fazem um relato local, expandem aos participantes, a compreensão de um mundo conectado e que tem muitas trocas a serem realizadas entre indígenas e não indígenas. Sousa, ao apresentar o tema da sua dissertação durante a conversa ao vivo explana:

(..) A Legislação é clara sobre o ensino diferenciado, intercultural e específico. Eu fui atrás disso, na perspectiva do curso Ara Vera... foi bastante curioso, significativo, se deparar com a parte teórica, principalmente com a parte prática. Quais os impactos dela na comunidade? qual o impacto dela para o aluno? foi em busca disso. Em saber o que seria isso...tudo caía num caminho de descoberta. Quais as práticas que eles estudaram e quais eles praticavam nas comunidades. Em seus tekohas, sala de aula. O interessante é o saber fazer para a vida. As práticas pedagógicas têm que ser intercaladas, no ensino da matemática para a vida...o que adianta o aluno aprender as quatro operações na escola e não saber aplicar os conceitos matemáticos? Que adianta ela saber as medidas e não saber construir ou fazer o cálculo de uma pequena hora tem casa? ...isso requer o ensino da matemática para a vida. Para além da sala de aula. O ensino diferenciado específico é para além da escola em diversas sociedades". (Prof. Souza, '*Educação Escolar Indígena em tempos de Covid-19*', junho 2020)

Ao ressaltar que o ensino diferenciado não deveria ser algo referente apenas da educação escolar indígena, Sousa aponta para a possibilidade de se construir processos educativos diferenciados em todo o sistema escolar brasileiro. Isso tornaria as escolas capazes de dialogar com sua comunidade de maneira inclusiva e menos excludente. Já o professor Pedro, ao relembrar sua trajetória escolar, aponta para essas especificidades e como a falta delas dificultam a escolarização em contexto de diversidades.

"Eu mesmo quando comecei a estudar na minha infância eu sofri muito, fui para uma escola que na época não era ensinado em guarani, era so em portugues, o professor era funcionario da Funai.. eu nem sabia falar português na época...cheguei no ensino fundamental e enfrentei muita dificuldade... (Prof. Pedro, live '*Educação Escolar Indígena em tempos de Covid-19*', Junh. 2020)

O relato do professor Pedro nos ajuda a refletir, sobre como a história de vida dos professores auxilia a audiência a compreender o universo da educação escola indígena e, também, os processos pelos quais passaram para se constituírem enquanto educadores

interculturais. Caune enfatiza que a narrativa da vida privada, em ambientes públicos, auxilia na construção de novos vínculos imaginários:

"O desenvolvimento e a inserção diversificada no social, das tecnologias da informática, do audiovisual e das telecomunicações contribuem para diluir as fronteiras entre a cultura e a técnica. Entre as atividades privadas e públicas (...) Esse processo de deslocamento ou de condensação de atividades, esse jogo onde a razão e sentimento se invertem, se anulam ou se fundem, estabelece novos vínculos no imaginário social" (Caune, 2014, p. 74).

A participação dos professores indígenas que estão atuando nesse momento de pandemia tem acrescentado conhecimentos importantes acerca da estruturação da educação escolar indígena e o amplo compartilhamento de relatos, pode alcançar outros educadores e dessa forma, fornecer subsídios para a melhoria dos formatos aplicáveis neste momento de isolamento social.

O acesso às redes sociais, por parte dos professores indígenas, seria um mecanismo de combate à subalternidade. Nas palavras de Spivak (2010, p.12), o subalterno é aquele pertencente "às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante".

Nesse sentido, para a autora é necessário que se articulem mecanismos para que eles sejam ouvidos. A ampliação das vozes indígenas pelo acesso às redes sociais, amplia também o entendimento do que é realmente a educação indígena e a educação escolar indígena. Nos termos de Caune (2014, p.73), instituições como a escola, a mídia ou ainda os empreendimentos culturais "podem ser analisados em função das relações interpessoais que desenvolvem e do sentido que eles ajudam a compartilhar".

Entendendo a escola como um ambiente integrado à vida socio-cultural indígena, Souza reforça dizendo que a formação de um professor se inicia desde criança:

(...) a formação inicia desde criança. Desenvolve as práticas com a família, com os mais velhos. A escola vem para agregar, e nesse processo sempre estive com a família no plantio dos alimentos em casa, criação dos pequenos animais, e todo esse processo vem melhorando uma reflexão quando cheguei na escola via diversas práticas e diversos momentos percebi que o que aprendi em casa podia aplicar a escola(...) Fazer a interrelação do conhecimento familiar com o conhecimento escolar. (Prof. Souza, *live* Educação escolar indígena, junho 2020)

Na continuidade do seu relato o professor Souza explica como adentrou ao universo da licenciatura em matemática e a importância de compreender a interdisciplinariedade no contexto indígena:

Me identifiquei com a educação, principalmente com o processo da matemática. A gente percebe que ela se torna um bicho papão para muitas crianças, porém quando ela é trabalhada, quando é modelada na prática, no contexto, na realidade, esse ensino se torna significativo e prazeroso ao aluno, de forma que ele vem a compreender o que está estudando em casa. (...) Eu me via com esse desafio de intercalar, a interdisciplinaridade entre os ensinamentos da escola e o ensinamento da família... aprender a fazer... (Prof. Souza, live '*Educação Escolar Indígena em tempos de Covid-19*', junho 2020)

Entendemos que a fala do professor Souza é de extrema importância, visto que a disciplina matemática, quase sempre é vista com bastante temor por parte dos estudantes indígenas, por apresentar-se quase sempre como uma série de cálculos a serem aprendidos e resolvidos. Pela sua narrativa, percebe-se que existe uma diferença entre aprender e apreender: para Souza não basta aprender a realizar as operações matemáticas, mas apreender seu sentido na vida real.

3. CONVERGÊNCIAS, COMUNICAÇÃO E CULTURA: ESCOLAS INDÍGENAS EM TEMPO DE PANDEMIA

Neste segundo momento, pretendemos trazer os relatos acerca das práticas aplicadas nas escolas indígenas, nas quais atuam os professores Pedro e Valdenir. Ambos explicam durante a *live* os processos existentes para a socialização de conteúdo e a verificação do aprendizado, dando ênfase à algumas questões importantes, como o envolvimento familiar e o que consideram ser importante no perfil de um professor indígena, além dos mecanismos utilizados para que o conteúdo chegue até os alunos, como as tecnologias de comunicação e informação.

Iremos destacar brevemente, algumas questões pertinentes à educação escolar indígena, no que concerne à Constituição Federal de 1988 e, também, orientações da organização Todos Pela Educação para o período de pandemia no Brasil. No que diz respeito à Constituição de 1988, o artigo 210, assegura o direito ao uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem. Em comunhão com este direito adquirido, o Decreto Federal nº 26/91 retirou da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) a missão da educação escolar indígena e

atribuiu ao Ministério da Educação a competência para coordenar as ações referentes à Educação Escolar Indígena no país e estabeleceu as instâncias e respectivas competências estaduais e municipais.

Tais orientações, garantem que as escolas estabelecidas em área indígena realizem o repasse de conhecimentos gerais, sem deixar de privilegiar as realidades e a cultura local. Essa informação é importante, para compreender como a presença dos professores indígenas tem agregado valor ao universo escolar ao mesmo tempo que se torna mais um elemento forte nas ações de prevenção da pandemia, já que, como explicam os dois professores Guarani Kaiowa, o professor indígena é um elemento fundamental na vida da sociedade indígena no qual estão inseridos. A melhor maneira que encontramos de expressar tal afirmação e corroborar para a compreensão do universo que estamos abordando neste texto, está exposta na afirmação realizada por Benitez:

Calendário – Quando se fala nele se lembra do ano, meses, dias, horas, feriados, etc. Para a comunidade indígena se lembra do tempo da pescaria, das frutas, das colheitas, do frio, do verão, da caça, das atividades cerimoniais, das grandes festas. Para medir o tempo observa-se as flores das árvores, as frutas ou céu. Em momento algum se preocupa com a contagem do tempo, com os algarismos. (Benitez, indicação n. 38, do Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul. Outubro de 2012).⁴

Trazer ao bojo da discussão um pequeno fragmento da Legislação Brasileira e um texto escrito por um pensador indígena, se faz necessário para a abordagem das falas apresentadas neste item.

Isso porque, as atividades remotas, segundo os educadores explanam durante a *live*, foram pensadas de maneira que contemplasse a realidade de cada comunidade sem comprometer os conteúdos necessários para o aprendizado. Desde as atividades sugeridas aos alunos, até a maneira como elas chegam a eles, fazem parte de um complexo sistema de vida, que envolve processos biopsicosociais do povo Guarani Kaiowa, para que não se percam alunos e os mesmos alcancem o aprendizado necessário para a continuidade da vida escolar.

Dito isso, iremos falar rapidamente sobre a nota técnica do Todos Pela Educação, lançada em maio de 2020. O documento reúne os principais aprendizados de países e regiões que

⁴ Fala disponível em: <http://www.cee.ms.gov.br/wp-content/uploads/2015/08/indica%C3%A7%C3%A3o-n%C2%BA-38.pdf>

passaram por suspensão prolongada de aulas, a partir das pesquisas mais recentes, e será abordada com mais ênfase ao final deste artigo.

Por se tratar de um conteúdo que almeja uma perspectiva futura para a educação escolar, e embora seja um documento padrão para qualquer unidade escolar brasileira, sem contar especificidades, nos chamou a atenção por conter alguns elementos que se convergem com as falas dos professores e também da manifestação do público, nos comentários da transmissão do dia 29 de junho de 2020. Porém, este adendo será apresentado mais adiante.

Realizada essa breve inserção no que estabelece a Legislação para a educação escolar indígena, iremos explorar mais as falas dos professores durante a *live*. Temos entendido nesta reflexão, que tais narrativas são instrumentos de socialização das maneiras encontradas para dar continuidade ao ano letivo, mas também, como fontes de compartilhamento de informações como experiências de existência. Caune (2014) escreve que o ser humano não é um estranho para outro ser humano, porque ele lhe dá sinais de sua própria existência, e isso tem sido feito nas *lives* realizadas pelos professores indígenas.

De acordo com Caune, o uso de um meio de comunicação é um lugar de participação e de ação em um mundo global, o que nos leva a assumir um posicionamento social. Reforça que o processo de comunicação é a base de qualquer construção de comunidade, e é através dela que se origina o vínculo social, porque ela "é o meio pelo qual os seres humanos compartilham suas crenças, aspirações, objetivos" (Caune,2014, p.37). Tais ponderações podem ser lidas em consonância com as falas dos educadores Souza e Pedro, respectivamente:

Eu vejo que o professor tenta articular ao máximo com a realidade. O que o aluno vai ler e vai entender. O que o pai vai ler e vai entender. Uma socialização da família com a atividade da escola. (Prof. Souza, '*Educação Escolar Indígena em tempos de Covid-19*', junho 2020)

O professor é espelho da comunidade. Se o professor ficar parado em casa, aí ele não é professor indígena. O professor indígena tem que estar ali, em defesa da sua comunidade. O que temos feito na comunidade. Temos barreira sanitária. Então o professor é escalado, um turno de manhã, um turno a tarde, para ajudar também na barreira sanitária, que é muito importante nesse enfrentamento que temos hoje da COVID 19. Nós, professores indígenas, temos que colaborar nessa parte. Chegamos num consenso que estamos trabalhando, estamos recebendo. As aulas não estão sendo presenciais. Então, estamos usando nosso tempo na barreira sanitária, ajudando na

prevenção desse coronavirus aqui na nossa aldeia. (Prof. Pedro, '*Educação Escolar Indígena em tempos de Covid-19*', junho 2020)

Pelas falas dos professores, observa-se que tanto a escola como o educador não são entes soltos da vida coletiva da comunidade. Verifica-se que ao frisar que o professor indígena, não é apenas um profissional apto a servir ao processo de educação formal, Voninho Pedro quer ressaltar que eles tem pleno entendimento de um desdobramento sócio-político-cultural que se engaja no dia a dia das comunidades onde as escolas estão alocadas.

Em outras palavras, pode-se expressar que "o comportamento dos indivíduos só tem sentido quando relacionado ao do grupo social no qual eles vivem, mas, por outro lado, o comportamento social só se torna realidade nas condutas individuais" (Caune, 2014, p. 53).

Souza realiza a sua contribuição acerca da coletividade:

Vejo que as lives podem ser também implantadas. Talvez assim, fico imaginando como seria esse processo. Quando nós trazemos aqui uma discussão, porque as ideias são partilhadas no coletivo. Mesmo percebendo que está bastante gente assistindo, a gente sente falta daquele aconchego. Nós Guarani Kaiowa, isso faz falta para nós, professores, lideranças, naquele momento na escola. Mas vejo que nós podemos encaminhar nossas reivindicações, nossos sonhos, nossos direitos...para que não venha estacionar essa luta. (Prof. Souza, '*Educação Escolar Indígena em tempos de Covid-19*', junho 2020)

Sobre o andamento das aulas remotas, o professor Voninho Pedro, também faz sua ponderação, apresentando a situação da localidade onde está inserida a escola em que leciona.

Aqui na aldeia, tem passado muitas barreiras e dificuldades com relação em como fazer chegar os trabalhos nos alunos durante essa pandemia. Entao nós professores, conselheiros, diretor, coordenador pedagógico, conseguimos sentar, dialogar, trabalhar de forma de projeto (sic). Escolher um tema gerador e desenvolver um plano de aula e cada 15 dias os alunos pegam esse material e um dia antes, a gente usa carro de som para anunciar os dias certinhos, para os alunos para pegar os trabalhos, porque nem todos tem acesso a internet ou celular. Os próprios pais vão buscar as atividades dos alunos. A gente tem conseguido atingir 96% dos alunos, com esse método que conseguimos colocar em prática. Não é fácil, mas também não é impossível. É uma aprendizagem para todos nós, professores e estudantes [...] (Prof. Pedro, *live 'Educação Escolar Indígena em tempos de Covid-19'*, junho 2020).

As estratégias criadas pelos professores carregam um pouco do que Jenkins (2012) explica, quando diz que o que estamos vendo hoje é o "hardware divergindo, enquanto o conteúdo converge" (p.43). O autor explica que uma velha ideia de convergência acreditava que tudo

iria se convergir em um único aparelho. Porém, o que ocorre é que os diferentes aparelhos são projetados para atender as nossas necessidades de acesso "a conteúdos dependendo de onde você está - seu contexto localizado" (43:2012). A experiência do carro de som, é o ponto a que queremos chegar, com a citação de Jenkins. Os aparelhos necessários nesse momento, não estão todos ligados à um único aparelho (nem disponíveis), mas, o pensamento acerca da necessidade já cruzou o caminho da convergência. Dessa forma, a comunidade se utilizou do aparelho (carro de som) de comunicação, que lhe é possível no momento, para propagar o conteúdo que é de interesse da comunidade de maneira geral. Os dois professores ressaltam que um dos grandes desafios é a acessibilidade ao universo digital, visto que muitos alunos não tem computadores, aparelho celular e até mesmo internet. Ponderam ser esse um desafio também para gestores públicos. Equipar escolas indígenas para uma nova realidade.

Sobre esta nova realidade e a ação efetiva dos poderes públicos para a digitalização das escolas indígenas, Jenkins (2012), alerta que a convergência é um processo e não um ponto final. O autor afirma que estamos entrando numa era em que haverá mídias em todos os lugares. Pontua ainda que "a convergência não é algo que vai acontecer um dia, quando tivermos banda larga suficiente ou quando descobriremos a configuração correta do aparelho. Prontos ou não, já estamos vivendo numa cultura de convergência" (Jenkins,2012, p.43). Sobre o acompanhamento dos alunos, Souza na *live 'Educação Escolar Indígena em tempos de Covid-19'*, junho 2020)

O professor Souza explica que:

As atividades impressas pela escola do município, nós entregamos já faz uma semana e logo na entrega da segunda atividade eles já entregaram e já pegaram a segunda atividade. Aqueles alunos que não foram entregar, tiram fotos e mandam via whatsapp. O nosso foco é fazer com que essas atividades cheguem nos alunos e retornem. Tanto via impressa, quanto whatsapp. A escola estadual usa o google class. A educação do sétimo ano, onde eu tenho trabalhado, eles entregam as atividades, é todo um processo. É claro que tem aluno que ainda nem entregou nem foi buscar a atividade. (Prof. Souza, *live 'Educação Escolar Indígena em tempos de Covid-19'*, junho 2020)

No âmbito do desenvolvimento metodológico e desafios, o professor Pedro explica:

...Adiamos a entrega porque tivemos o caso de um funcionário por COVID então vamos esperar a equipe médica atuar para voltar a entregar os trabalhos para os alunos...nós professores indígenas temos que somar para combater para que esse virus não dissemina na comunidade... com isso a comunidade se fortaleceu mais ainda, começou a se unir mais, uma coisa boa que está acontecendo é que a comunidade começou a reaprender a conviver um com o outro. (Prof. Pedro, *live 'Educação Escolar Indígena em tempos de Covid-19'*, junho 2020)

Nesta fala, nos chama a atenção quando o professor afirma que a comunidade reaprende a conviver. Essa ponderação, se conecta à leitura realizada do documento emitido pela Organização Todos pela Educação, acerca das mensagens para o retorno da educação escolar pós-pandemia. A organização, que existe desde o ano de 2016 e tem como foco a educação básica. O documento foi construído a partir da:

sistematização dos principais aprendizados advindos de pesquisas sobre países e regiões que já passaram por situações similares à atual - em função, por exemplo, de outras epidemias, guerras e desastres naturais -, além de estudos sobre os temas que, no atual contexto, serão desafios de grande magnitude à gestão educacional. Destaca-se, ainda, que a Nota contou com contribuições e revisão crítica de cinco especialistas em Educação, todos com experiência na gestão pública educacional em diferentes regiões do País. (Nota Técnica O Retorno às aulas presenciais no contexto da Pandemia da Covid-19, maio de 2020)⁵

Embora o texto não faça uma menção à educação escolar indígena diferenciada, encontramos nas três mensagens que o compõe, elementos significantes para encerrar este texto. O primeiro texto diz respeito a como as escolas irão se deparar com desafios que só poderão ser enfrentados com o apoio de outras áreas; a mensagem dois, explica que não será uma retomada de onde paramos – o retorno exigirá um plano de ações em diversas frentes e demandará intensa articulação e contextualização local; a mensagem três, enfoca que as respostas ao momento atual podem dar impulso a mudanças positivas e duradouras nos sistemas educacionais.

Ao conectar tais mensagens ao contexto das *lives*, recortamos uma constatação realizada tanto pelos educadores, como postadas pelas pessoas que acompanharam a *live*, no que diz respeito ao envolvimento familiar. A mensagem número três enfatiza o Fortalecimento da relação família-escola. Segundo trecho desta mensagem, o isolamento social faz com que muitas famílias se aproximem das atividades escolares das crianças e dos jovens, e as escolas se vêm acionando mais os pais, realizando uma comunicação mais direta e frequente. Por sua vez, os comentários realizados pelo público da *live* e do professor Pedro, apontam também para esta conexão:

Participação dos pais realmente tem nos surpreendido. Melhorou muito. Esperamos que possamos aproveitar essa situação pra posteriormente ouvir os pais sobre a percepção deles em relação à educação escolar e os desafios vivenciados junto a seus

⁵ Disponível em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/uploads/posts/433.pdf?1194110764>

filhos. Daria um bom debate! (Cris Terena, em comentário na live '*Educação Escolar Indígena em tempos de Covid-19*', junho 2020)

Na nossa escola eles fazem o que podem com seus filhos(...) realmente os pais estão bem interados (Albinha Rocha, comentário escrito, live '*Educação Escolar Indígena em tempos de Covid-19*', junho 2020).

Os professores elaboram atividades e deixam disponível o e-mail, o telefone para dúvidas e a gente está percebendo que os pais e alunos estão participando. Eu mesmo tenho vários contatos, aluno liga, manda mensagem pelo whats perguntando sobre uma ou outra atividade, tirando as dúvidas. A gente percebe que a família hoje está participando ainda mais. (Prof. Pedro, live '*Educação Escolar Indígena em tempos de Covid-19*', junho 2020).

Souza explica que os professores já passaram por formações em outros momentos, mas os desafios são muitos e recorrentes. Sobre o futuro pós-pandemia, o professor Souza utiliza o termo reinventar, para explicar que tanto professores indígenas, quanto não indígenas estão diante de um desafio para o futuro da escolarização no Brasil:

A escola teve que se reinventar... vejo necessidade de formação. Hoje nós temos vários mecanismos tecnológicos para desenvolver a aula online, mas percebo a dificuldade que vários colegas têm de lidar com as tecnologias. (Prof. Souza, live '*Educação Escolar Indígena em tempos de Covid-19*', junho 2020)

Já Voninho Pedro, reforça este diálogo apontando que o caminho para a uma reconstrução da educação escolar no futuro, passará pelo diálogo contínuo:

A gente não sabe (sic) até que dia que vai... mas podemos dialogar, trilhar os caminhos, todos juntos e encontrar um meio para a gente conseguir fazer um enfrentamento junto da comunidade.(Prof. Pedro, live '*Educação Escolar Indígena em tempos de Covid-19*', junho 2020).

Conectados ao universo em que estão inseridos, os professores indígenas encerram a *live*, apontando para as principais perspectivas futuras, como pondera o professor Souza:

"Tudo que hoje nós estamos vivenciando, os pontos positivos, negativos, servem para uma reflexão, um amadurecimento para o ano letivo de 2021. Não sabemos se vai melhorar as coisas, se vai piorar as coisas... Temos que reinventar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação escolar indígena brasileira, no decorrer do tempo, construiu artifícios e propostas para que se implementasse efetivamente seu caráter intercultural e diferenciado. Dentre as lutas para a fixação destes conceitos, está a fixação de professores indígenas

através de concursos públicos e contratos de trabalho. Entende-se que a presença dos indígenas em sala de aula, fortalecem o conceito de escola indígena.

Para isso, muitos dos jovens e adultos estão em processo de formação específica, no que conhecemos como licenciaturas indígenas ou interculturais, assim como nas licenciaturas não específicas das Universidades públicas e particulares do país.

O momento da pandemia, apresentou, a partir do caso apresentado, o quanto tal especificidade é positiva para as escolas indígenas: professores lotados em escolas de suas próprias comunidades, apoiam de maneira efetiva a movimentação diária dos alunos, pais e lideranças, no intuito de fortalecer o ensino escolar, ao mesmo tempo em que atuam contra o avanço da COVID 19 em área indígena.

Consideramos que os professores observados exercem papéis importantes tanto no contexto da escola quanto a nível de comunidade, tendo função determinante em especial no momento de pandemia. Observamos que esses atores sociais, conscientes das necessidades culturais e sociais dos alunos e da comunidade, se cercam dos recursos digitais para supri-las.

Neste momento que envolve uma situação emergencial, se tornou essencial o papel da utilização de ferramentas digitais de comunicação, possibilitando interações sociais com repercussão no contexto escolar, familiar e comunitário.

Estas experiências relatadas na *live*, trazem desdobramentos, uma vez que ela se apresenta de maneira globalizada, recebe interações de indígenas e não indígenas, trazendo nuances das relações de aprendizado (troca) e indicando caminhos de interação. Considerando todo esse fluxo de informações, mediados por diversos processos de comunicação digitais, desde as atividades escolares até a *live* e seus desdobramentos, embora em partes estejam relacionados à utilização de dispositivos, nosso foco se fez mais presente na atuação dos professores, na habilidade de enfrentar situações adversas de maneira criativa, exercendo seu papel social por meio de ações no âmbito real e virtual, e atuando nas esferas sociais e culturais, o que serve de modelo e amplia as possibilidades de interação entre alunos/professores/comunidade, durante e após a pandemia.

Terena de Jesus, N. & Miranda, T. (2020). Educação escolar indígena em rota de convergência: *lives*, processos e futuro. *Revista Latinoamericana de Etnomatemática*, 13(1), 174-188. DOI:10.22267/relatem.20131.52

REFERÊNCIAS

- Barros, A., Carmo, M. F. A. & Silva, R. 2012. *A influência das redes sociais e seu papel na sociedade*. Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/viewFile/3031/2989>
- Benício, C. & Silva, A. K. A. (2005). *O livro impresso ao e-book: o paradigma do suporte na Biblioteca Eletrônica*. *Biblionline*, v.1, n.2.
- Caune, J. (2014). *Cultura e Comunicação: convergências teóricas e lugares de mediação*. Editora Unesp. São Paulo
- Brasil. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico.
- Jenkins, H. (2012). *Cultura da Convergência*. 2a. ed. São Paulo :Aleph.
- Spivak, G. (2010). *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, outubro (São Paulo), v. 21, pp. 277, 2014.
- Página da rede social [Tekoha Marane'y](https://www.facebook.com/tekohamaraney) - da Missão Evangélica Caiuá. Disponível: <https://www.facebook.com/tekohamaraney>
- Todos pela Educação. (2020). O Retorno às aulas presenciais no contexto da Pandemia da Covid-19. Consultado em maio de 2020, disponível em https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/433.pdf?1194110764